

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 6 - 1916

11 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

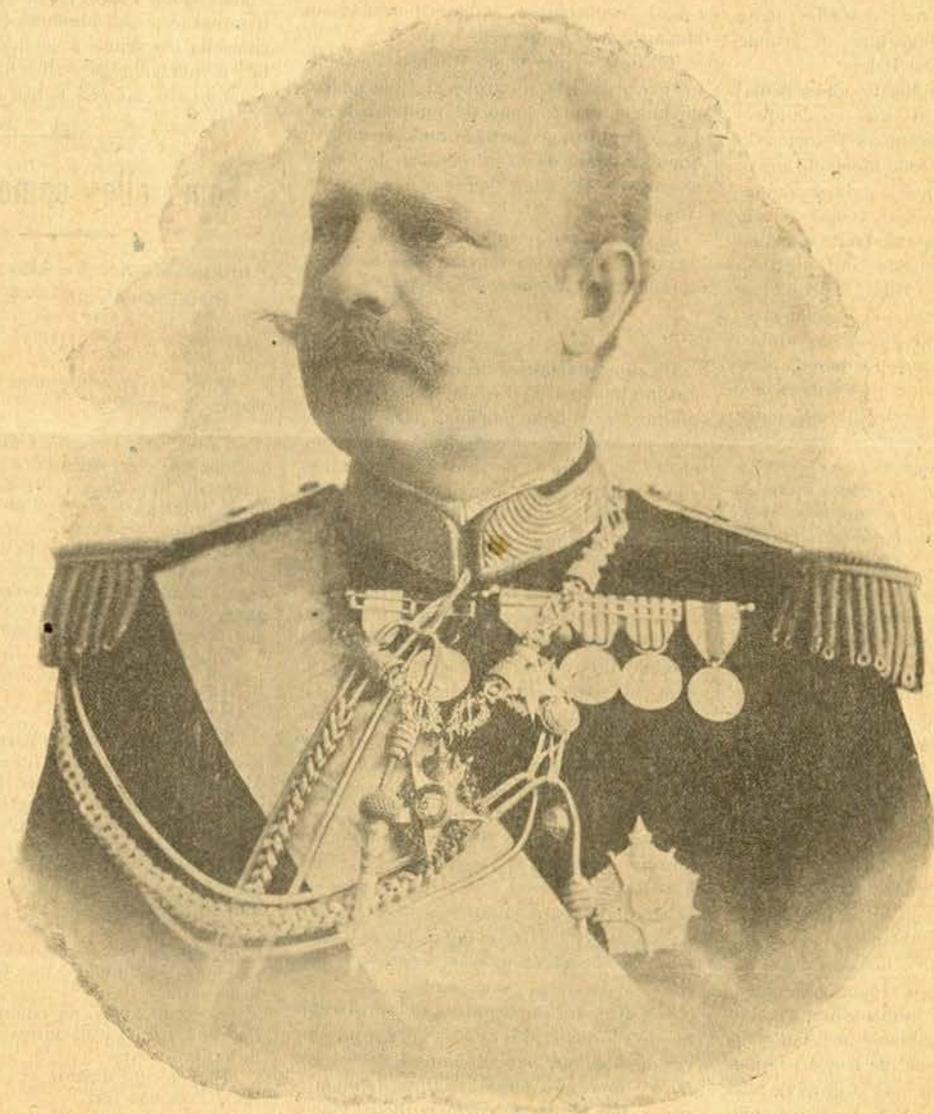
R. d'Alcantara, 41-A a E - LISBOA

Toda a correspondência para
os escriptorios provisórios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar, Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Accrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Anuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.



Sua Alteza Real o Principe D. Affonso

Homenagem de "A Monarchia."

Sempre vamos á guerra?

Parece que é ponto assente o governo obrigar Portugal a participar no conflicto europeu, para onde não é chamado. Falla-se de que, acobertadamente, para não levantar o paiz n'um protesto indignado, no ministerio da guerra se prepara a mobilisação de um exercito para ir combater, ao lado dos inglezes, e contra uma nação que jamais nos hostilizou, na Flandres ou no Egypto.

Nós sempre puzemos de banda toda essa ignobil politiquice sectaria; e se combalemos accerrimamente este ou aquelle partido da republica, ou todos elles, nada mais guia a nossa penna que o grande amor que lemos á nossa Patria.

No pleno uso de um direito, que a actual Constituição nos confere, que é o de apreciar e discutir publicamente os actos do governo, arredar pé neste momento grave em que se jogam os destinos da nacionalidade, revela covardia, e por isso o silencio deve ser tomado á conta de lacia e formal sanção á obra fresloucada ou preversa que se pretende levar a cabo. A penna que empanhamos e a Causa que defendemos, isto é, a nossa honra de jornalista e o nosso amor á terra que nos foi berço, obrigam-nos a erguer a voz em clamorosa e tenaz resistencia; e, ainda mesmo que a Constituição nos não garantisse esse direito, e o governo nos amordaçasse, a consciencia do nosso dever e a certeza da nossa razão são tão fortes, que teriamos que rasgar essa mordaca e tomar o caminho da rebeldia.

Uma serie de factos condemnaveis, que tem vindo a lume, e outros que se segredam ali a cada passo, vem trazer-nos ainda a convicção de que o governo não procede de boa-fé em tão grave assumpto; e se o governo não procede de boa-fé, e se um miseravel interesse o conduz com prejuizo para a nação, nós cremos que não haverá portuguez por esse paiz fóra que, sabendo-o, se não revolte e não se erga a exigir-lhe serias contas.

Apoz as extranhas revelações e apreciações que o sr. Brilo Camacho vem fazendo na *Lucta*, que, diga-se, muito o honram,—o caso do ministro da guerra se negar peremptoriamente a fornecer a um representante do povo, sr. João de Menezes, as notas que ao seu ministerio requisitou sobre despesas e facturas de fornecimentos ás expedições de Africa, de bem triste memoria, é a prova de que o governo não quer sahir das trevas onde fórja o impiedoso crime: é governo de um paiz, que pensa conduzir os seus exercitos á guerra, não pôde continuar a viver occulto nas sombras silenciosas da Caverna do Cáco.

Teria, primeiro que tudo, de estar de accordo com a opinião geral da nação, que é coisa bem differente do voto das maiorias parlamentares. Precisaria, primeiro

que o sentimento geral de indignação contra «o povo que jamais nos hostilizou» fosse tal, que, abraçando-o de fervor patriótico e de uma intensa cólera, fosse garantia de continua tenacidade na lucta ou valor guerreiro; haveria, sobre tudo, que estudar a valer se ao *interesse nacional*—por futuras aquisições territoriaes, futuro desenvolvimento commercial, futuras e mais uteis alianças—conviria o sacrificio de milhares e milhares de vidas nos campos da batalha; haveria ainda que verificar se o thesouro publico, os arsenaes, e a actual organização militar permittiriam abalançar-nos á guerra.

Por que é que o sr. Affonso Costa, o grande estadista, o grotesco Robespierre de luneta e pèra, não dá publicidade ao Livro Branco... e tambem ao livro negro, que é, ao que consta, o relatório do tenente-coronel Roçadas sobre a expedição a Angola?

De feito, seria esta a usual e a melhor forma de fazer pronunciar bem nitida a opinião geral do paiz...

Ha dias um oficial de infantaria de um dos regimentos de Lisboa, typo avesso a politica, mas bom patriota, para quem a sua profissão é sacerdocio, contou-nos, cheio de magua, de forma assustadora como a indisciplinada lavra no seio do exercito portuguez,—outrora tão disciplinado, tão forte, tão aguerrido, com a sua Historia gloriosa a impulsionar-lhe o genio bellico e o amor da patria! Mas que os governos da republica haviam começado por arrefecer o espirito militar na collectividade, fazendo dos quartéis centros de politica. Que na capital, então é um horror. Os laços de respeito que estabeleciam a linha harmonica, hierarchica, entre superior e inferior, acabaram-se. A companhia é que manda no capitão, o regimento no coronel. Tudo ás avessas. Ha tambores, que leem mais prestigio e auctoridade no quartel, que o proprio commandante—e o caso é os tambores serem *democraticos* e os coroneis d'outros partidos. Os quartéis deixaram de ser escolas e depositos de soldados, transformaram-se em centros politicos de assembleia permanente...

Ha dias, foram expulsos de certo regimento e transferidos depois para a provincia, *dois cabos, tres soldados e um corneteiro—por não terem politica definida*. isto é, *por não serem democraticos!* Que é impossivel conduzir e commandar aquella gente n'uma batalha,—as guerras fazem-se com soldados e armamentos e não com *affonsismos e palavrório de comicio*.

Naulila é um exemplo.
Naulila, Naulila... Então será para nova vergonha e nova catastrophe, que ficará gravada como uma das mais negras pagi-

nas da nossa Historia, que o governo pensa levar a effeito a participação na guerra? Tem já o governo—como não tinha de começo quando a Inglaterra recusou as nossas tropas, por estar informada da indisciplinada que então lavrava—tem já officiaes que commandem e soldados que obedecam? Tem s. m. imperial o Csar Affonso notas diplomaticas britannicas, razões fortes e claras que favoreçam o dever de auxiliar a alliada, ou algum motivo que comprove uma declaração de guerra ao Kaiser? Se tem, que patenteie tudo isso, ao paiz, já é tempo; Portugal tem o direito de saber se o querem conduzir por caminhos gloriosos, se por azinhagas criminaes que o arrastem á perdição.

...e para nós, jornalistas da mais nobre e mais santa Causa Nacional, termos que trocar esta penna por uma espingarda, ou com ella tracarmos a sentença terrivel sobre a quadrilha de salteadores que anda jogando aos dados a Patria muito amada!

Com elles começaram!

Antonio Macieira—Alexandre Braga
Insultos—Vaías—Expulsões

II

Quem devia representar a academia na viagem da tuna?

Egas Moniz, presidente da tuna? Talvez se ao quinto anno juridico não pertencesse o sr. Alexandre Braga, já então querendo honrarias, e ao quarto o sr. Antonio Macieira—idem na mesma data...

O grupo republicano, reunido (não esquecer que a esse grupo pertenciam os dois galos citados), resolveu que os representantes da academia fossem todos republicanos, excepção do sr. Albino Pacheco, ainda assim assegurado como republicano.

O grupo republicano dispunha—e dispoz—da academia a seu bel-prazer... Tudo republicano!

Nas antevesperas da partida houve uma assembleia geral ao ar livre, no Largo do Muzen, em que Alexandre Braga combateu o sr. Macieira—e vice-versa. A academia estava muito dividida e d'essa assembleia nada saiu de definitivo; mas o tal grupo republicano na sua maioria apoiava o sr. Braga e foi este quem afinal venceu—por uma maioria de *dois votos*...

O sr. Braga lá foi pois a S. Thiago de Compostella representando a Academia de Coimbra—e aquillo é que foi tirar o ventre de miserias!

A excursão foi, no entanto, deveras brilhante e a tuna e os outros academicos voltaram contentes.

Parece que deveria ser caso arrumado não? Pois não foi!

O sr. Alexandre Braga era, e é homem de reservas, vingativo e mau, e assim dois dias depois da chegada a Coimbra saiu com um pamphleto contra o sr. Macieira, intitulado *No regresso da festa que jocosamente muitos intitulavam: depois de a coser...*

Dizia as ultimas do correligionario e ex-amigo!...

Toda a gente sabe o que é o sr. Alexandre Braga quando principia a vomitar

as perolas da sua eloquencia e por isso toda a gente ajuizará do que aquillo era...

Injustiça?

Sim e não!

A esse respondeu o sr. Macieira com outro, e o sr. Braga ripostou ainda com outro, saindo por ultimo o segundo do sr. Macieira *A Alma Penada*...

Entretanto o sr. Alexandre Braga fazia reunir o grupo republicano e expulsar o sr. Antonio Macieira d'esse grupo — portador!

A tuna, por sua vez, reúne em assembleia geral e expulsa o sr. Alexandre Braga — por indigno!

Um por traidor!

O outro por indigno!

Arcades ambo!

Não ha duvida: duas creaturas de tão honesta cotação na academia do seu tempo, tinham azas bastantes, visto serem republicanos, para virem a ser dentro do seu ideal politico, figuras de destaque, amigos... e correligionarios!

São ambos democraticos, ambos deputados, ambos já foram ministros. Um é o leader do partido no parlamento, o outro sempre n.º 1 nas faltas, para ministro dos estrangeiros visto ter um lindo palacete e automovel, que seu pae, já fallecido, mercieiro ás Escolas Geraes, ganhou em muitos annos de trabalho.

E' este ultimo folheto que mais nos interessa, porque sendo o sr. Antonio Macieira deputado democratico e o sr. Alexandre Braga leader d'esse mesmo partido, n'essa mesma camara, pode avaliar-se a moral dos dois.

...e não vá alguém dizer que isto são coisas de rapazes. Tanto um como outro eram homens feitos, e o partido republicano para comprovar o mau instincto de João Franco trouxe para a tela da discussão as suas caçadas aos gatos, quando estudante...

A caça aos gatos todas as gerações academicas as fizeram, e por certo n'ellas entraram mais d'uma vez os nossos dois heroes...

Não, senhor! Isto define caracteres.

Se o argumento fór que para isso era desnecessario — concordamos; mas objectivos que muita gente desconhecia este caso comico — burlesco:

O sr. Macieira expulso do grupo republicano por traidor...

O sr. Alexandre Braga expulso pela assembleia geral da tuna academica por indigno...

Arcades ambo!

Regime dos emprestimos

Nos tempos da propaganda gritava-se muito contra os emprestimos que eram, dizia-se, o pão nosso de cada dia. Havia outro chavão tambem muito batido: «o povo não pôde nem deve pagar mais». Passaram os tempos, a republica veio, e a segunda formula mudou para: «a capacidade tributaria do cidadão não está exgotada... E, quanto a emprestimos está mais outro na forja, á sombra do qual, diz-se, o governo já vive...»

E leve-se em conta que a situação do thesouro em 1910, era tal que o primeiro ministro das finanças da republica ponde — pela unica vez dentro do regime — beneficiar o contribuinte extinguindo o imposto de consumo sobre certos generos e a contribuição de renda de casas.

Nunca mais se beneficiou o contribuinte, nunca mais se beneficiará... agora ha de largar a camisa!

Falle general!

«Por outro lado tambem soube que o governo português tinha entre os revoltados individuos, seus assalariados, um dos quaes até mandava um poletão (na Galliza).

«Do livro de Pimenta de Castro a paginas 5».

Só agora podemos obter um exemplar do livro do sr. Pimenta de Castro e por isso só agora nos referimos ao facto apontado.

Garante o sr. general Pimenta de Castro que entre os officiaes que serviam a causa monarchica na Galliza, havia um que traia os seus compromissos de honra, emporcalhava a farda que vestia.

Não é uma accusação vaga, como acima se vê, nem feita por quem não tenha imputação politica, é uma accusação concreta feita pelo, á data da descoberta, ministro da guerra do governo portuguez, e posteriormente presidente de conselho; mais que tudo isso: é feita por um general e que como tal deve presumir quanto os officiaes que seguiram a Familia Real no exilio, expozeram a vida nas incursões, sempre andaram expostos ao punhal do sicário assalariado, prezam a sua palavra e respeitam a sua farda, porque enquanto muitos e muitos garantiam sob palavra d'honra o seu respeito á Republica, elles preferiram abandonar tudo — a tomar tal compromisso.

E', pois, indispensavel, absolutamente indispensavel, que o sr. general diga quem era esse official chefe de polotão que assim deshonorava os seus camaradas e com elles todos quantos de boa-fé, por amor a sua Patria, pretendiam e pretendem salvar a d'este cahos em que se encontra.

E' o começo da depuração. Traidores tem havido em todos os tempos e em todas as causas; mas é preciso conhecê-los, apontal-os as vias da multidão e ao desprezo dos seus camaradas de causa, para que sirva de exemplo a outros patifes...

Vender a Causa Monarchica o mesmo é que vender a Patria, a vida dos seus camaradas de revolta, e ultrapassar as metas da indignidade social.

O general tem que dizer quem era esse pulha, para que não se vá dizer que elle general, se sujou a si querendo sujar os outros!

Falle general!

Livre-nos Deus!

Em Dezembro o sr. Joaquim do Carmo, foi recebido pelo sr. Presidente da Republica, que lhe prometteu solução para o seu caso, sendo preso no outro dia a requisição do actual sr. Ministro do fomento...

Ha dias morreu o propagandista Bartholomeu Constantino recebendo a viuva a visita do sr. Secretario da Presidencia que em nome do sr. Presidente ia offerecer o seu auxilio...

Ante-hontem foi presa a viuva e o filho d'esse propagandista e postos incommunicaveis á ordem da policia!

Livre-nos Deus de taes cumprimentos e promessas!

Rocha Martins

D. MANUEL II

Memorias para a historia do seu reinado. Edição profusamente illustrada com as scenas principaes dos acontecimentos politicos.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Alegria, 100 — LISBOA

Echos & Commentarios

O Dr. Henriques

Diz que a Allemanha começa a pedir a paz. E' boa! está-se vendo positivamente o contrario... Servia, Albania, Montenegro... canal de Suez, Egypto... A Allemanha começa a pedir a paz... com a bocca dos canhões!

Sem commentarios

«Permitta-se-nos entretanto recordar ao publico que taes casos só se manifestam quando está no poder o partido Republicano, representando pelo seu maior estadista.» Isto diz o jornal da Margarida, a proposito dos assaltos ás mercearias.

Pois então quando é que haverá de ser? E isto prova que o *superavit* não alimenta a população de Lisboa esfomeada...

2 milhões de libras!

A imprensa jacobina toda ella embandeira em arco, noticiando que o governo acaba de negociar, com o maior exito, um emprestimo de dois milhões de libras, em Londres... Está muitissimo bem... mas permitta-se-nos que desconfiemos da fartura...

Nós lançaríamos foguetes, nós e a nação portugueza, mas era se o governo apresentasse a conta e a fiel alliada, sua ex-cynica Albion — pagasse a dinheiro o material de guerra e outras coisas mais que de cá levou. E olhem que vaé muito além dos 2 milhões de libras...

Esquadra... para o Leotte!

Parece que é desta feita que o governo vaé tomar conta dos barcos allemães, abrigados no Tejo. Ora o governo inglês, segundo consta, *deseja* que Portugal se mantenha em boa paz com a Allemanha... apesar de o comprometter — exigindo auxilios de armamento e munições. Quando o mui alto Parlamento declarou a guerra, a Inglaterra obrigou-o a *desdeclarar-a*... Tanto que o governo já apresentou as suas desculpas á Allemanha n'uma entrevista com o representante d'esse paiz. Tomar conta dos seus barcos agora!... Que sublime farça!

E quem vaé ganhar com o negocio é o almirante Leotte, que fica com optima e avultada esquadra para arremetter contra o orbe inteiro... Pois se elle ha dias esteve para ficar sem o seu querido navio-restaurante.

«Ficará tudo na mesma!..»

E' esse o desejo da maioria parlamentar, abafando a commissão de inquerito ao incendio do deposito de fardamentos. Está provado, não ha que duvidar. Foge da luz, como as corujas, aquelle partido democratico... Então o paiz não ha de saber quem mandou lançar o fogo para encobrir tenebrosas fraudes, enorme roubalheiras que é o que se tem dito nas camaras, na imprensa e na rua? Querem que fiquem impunes os criminosos?

O paiz ha de saber-o, embora o partido democratico tenha interesse em encobrir os reus de alta-traição.

COIMBRA EM FRALDA

por
Armenio Monteiro
PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL
R. d'Alcantara, 11 — LISBOA

O bom humor do Kaiser

O Imperador da Alemanha, Chefe Supremo do Exército, convidou os seus generaes para dar conta da situação.

— Bons dias, senhores generaes!

— Bons dias, Magestade!

— Chamei-os para conhecer a vossa opinião sobre a actual situação. É facto que fixamos a nossa linha de ataque de Lille, via Arras, Reims, Verdun até Nancy, a Oeste; e por Leste penetrámos até cerca de Riga e Dumaburgo; temos toda a Polonia e boa parte da Volhynia.

— Muito bem, Magestade,

— Os senhores dizem muito bem, mas não me parecem tão bem as coisas quando na imprensa dos aliados, estamos tratando de defender a linha do Reno.

— E defendel-a-hemos, Magestade disse o general Deimling.

— Querido Deimling, com que direito fala você aqui? Há mais de quatro semanas que você passou a fronteira Suissa com o seu exercito, onde foram desarmados. Assim nos informou a imprensa dos aliados. E também que estamos em plena fuga, perseguidos activamente pelos franceses.

— E aproximamo-nos pouco a pouco de Paris — interrompeu o general Von Kluck.

— Nós, pode ser; mas você não, Kluck! Se se afigura que está cerca de Peronne e Roye, está muito enganado; lembre-se, querido Kluck que foi prisioneiro tres vezes já, como assegura o telegrapho de Londres, e o seu exercito aniquilado quatro vezes, segundo telegrammas officiaes de Paris. De forma que os inglezes.

— Magestade, os inglezes estão a meu cargo! — disse o general Von Bülow.

— Você, querido Bülow, não me venha com brincadeiras. O *Daily Mail* apresentou provas seguras de que morreu em Liège.

— Em Liège, Magestade? perguntou o general Emmich.

— Sim, sim, em Liège. E o senhor, como chefe do exercito devia saber-o. Mas agora me recorde: o senhor suicidou-se depois da sua grande victoria e teve a audacia de declarar que Liège seria a tumba dos exercitos allemães. Os cabos inglezes publicaram-no e o senhor sabe muito bem que os *inglezes nunca mentem*. Você está morto, bem morto.

— Mas, papá... — exclamou o Principe Imperial.

— O quê, Guilhermecito, tu aqui? Eu vi nos telegrammas de Paris que estavas ferido n'um hospital, com os teus cinco irmãos; outro telegramma diz que ias em fuga para Strasburgo; surprehende-me, pois, a tua audacia de te apresentares aqui.

— Perdoa-me, papá — disse o Principe Real —; tu também não tens o direito de estar aqui porque, segundo telegramma official de S. Petersburgo, que *nunca mentem*, tu estás na fronteira Russa, onde por pouco não cahiste prisioneiro; e sabemos também que cahiste n'um fosso em Verdun, o que te custou uma pulmonia.

Uma ordenança annuncia o chefe socialista doctor Liebknecht que, segundo telegrammas de Paris foi fusilado com mais cem socialistas; traz um telegramma da frente do exercito:

«Avanços victoriosos em toda a linha.»

— Bem, muito bem, senhores: mas temos que preparar-nos para receber amanhã pessimas noticias de S. Petersburgo, de Londres e Paris: «O exercito allemão derrotado, aniquilado; 200.000 mortos e 300.000 prisioneiros. Mil canhões e metralhadoras tomadas.» Mas não importa! embora mintam, *sigamos sempre como até agora.*

A psychologia dos idolos

Memorias de Affonso Costa

II

«Apoz o brevê e inutil auto de perguntas, estive ainda no gabinete do juiz *confortavelmente*... (note-se, confortavelmente).

Foi então esta noite que se fez a pavorosa, ha dias annunciada? Que vai fazer o governo de todos os detidos, para aonde os manda, como se justificará, mais tarde, de tantas prisões, feitas ao acaso do encontro de criaturas pacificas nas ruas publicas? *Pavôr a e apologia da sua covardia. Foi preso quando, de cara rapada, se esgneirava.*

«A minha partida para aqui fez-se misteriosamente...»

O chefe Morgado e um bufo escoltavam-me dentro do carro, fóra, ao lado do cocheiro, pousava outro bufo.

(*Não seria preciso tanta precaução. Não é individuo capaz de um acto de resistencia a um, quanto mais a tres homens. O seu maior acto heroico foi espancar um velho indefeso, Bruno!*)

«A minha entrega, — no quartel do Cabeço de Bolla — foi feita como se faria uma apresentação n'uma sala de cerimonias:

— Sr. Capitão, disse o Morgado, apresento a V. Ex.ª o sr. dr. Affonso Costa.

Inclinações respeitosas de cabeça com quem se sauda e mostra prazer no conhecimento.

— Tem a bondade? diz-me o capitão, indicando-me com um gesto que o acompanhasse, como faria se fosse receber-me cordealmente em sua casa.

— Pois não, disse eu, na mesma ordem de ideias. (A tirania monarchica.)

«Fiz-lhe logo as minhas reclamações acerca da excessiva nudez do aposento. Ouviu-me com muita deferencia, mas respondeu-me que *não tinha melhor*, que era assim o regulamento, etc. Apesar d'isso mandou-me dar logo *uma cadeira* e um cobertor de pápa». (E era a *Bastilha!*)

Pelas 9 1/2 veio o cabo 18. Encomendei-lhe pescada cozida com batatas, ovos estrelados, bife, café e tangerinas, alem de pão e vinho.

De resto, a pescada não trazia molho, o bife era durissimo e o café simplesmente horrivel.

Resolvi logo mudar... de restaurante, ou então arranjar tal fome que tudo me sirva. Guardei, á cautela, o bife dentro do pão...

Devo confessar que esse incidente da comida foi o segundo que me chocou... pelo contraste. Habitado, desde creança, a dormir e comer bem...

Refletindo em que o proprio governo não pode ter vantagem em me matar á mingua... (*estes periodos marcam bem a sua individualidade. A megalomania do engeitado de Ceia. O assumpto predominante do seu espirito não era o bem da patria, o triumpho da sua ideia, mas... o estomago!*)

2.º dia — 30 de Janeiro de 1908.

«Pelas 10 da manhã levantei-me. Pouco depois notei que na parada do quartel havia movimento desusado. Era uma carroça, que, segundo as conversas dos soldados... vinha carregada de bombas! Pode lá ser!

Mas a verdade é que, sejam muitas ou poucas, *sempre fui estrenho e contrario a semelhante meio de lucta, ainda mesmo só em defeza, por o considerar um perigo para qualquer instituições, ainda as mais liberais.* (farçante! O instituidor da bomba! Pois ali tem agora em perigo as suas instituições!...)

Hoje o meu almoço veio do café Tavares. Um bom linguado frito, um optimo bife de vitela, batatas em palha, Collares, queijo da Serra, uma maçã, uma tangerina e uma banana.

Comi bem. (*Eis o seu grande sonho, a panca!*)

Depois do almoço, que foi tarde, tive varias visitas... officiaes. Veio o commandante geral, Malaquias de Lemos, que me tratou cordalissimamente... E até no meio da conversa, prometeu empregar os seus esforços para me mudar para um aposento sobradado...

A proposito deste, (João de Chagas) contou que até já o tinham accusado de o haver recebido magnificamente, dando-lhe de jantar á sua mesa, etc.

«Não me parece que o problema das *bombas* tenha facil solução. Esses desvaierados que um dia começaram a fabrical-as, arranjaram pelo visto, proselytos e imitadores, que não se atigiram com a morte de um nem com a prisão de outros. Esse terrivel problema só se resolve governando bem, ou educando muito. *Os dois inimigos de tal processo são a instrução solida e a abolição das causas de desigualdade social. Com a nossa miseria, com o nosso pavoroso analfabetismo e com os erros dos governantes, o mal continuará sempre, com perigo para todos nós, até para os que queremos novas instituições, em que esse meio de lucta será tão perigoso como na monarchia.*»

Nós promettemos não fazer commentarios, mas temos que faltar ao prometido...

Se isto está a desafiar nos a penna! Se isto é o cumlo de perversidade e de cynismo! Foi elle o instituidor da bomba, elle o *generafissimo* do 28 de Janeiro, que foi um movimento *bombastico*, «sempre foi contrario a esse meio de lucta! O chefe supremo desconhecia o armamento dos seus soldados! Isto é estupendo de audacia! E o de 5 de outubro não foi outro movimento *bombastico*? E então na republica o governo provisório, ou do Csar Affonso, não consente e apadrilha a publicação de opusculos de divulgação e aprendizagem de fabrico de bombas? Então Lisboa não está tão cheia de ellas, que chegavam para a fazer saltar pelos ares? Então ellas não expludem ahi a cada passo e é raro o dia que não causam estragos e produzem victimas, ás vezes como nos ultimos dias creanças innocentes? Quem é o responsavel? O sr. Affonso Costa. Elle exclusivamente. Por todos os motivos. Como revolucionario mateiro e como homem de governo. Porquê: porque só tem uma maneira de triumphar: o terror, a explusão sangrenta da dynamite!

Pedido

Pedimos aos nossos leitores a fineza de mandarem a sua correspondencia dirigida á Redacção ou administração, mas nunca em nome individual. Agradecemos.

Uma pagina de historia

O que diz o General Pimenta de Castro

E' tal a hypocrisia d'esses tartufos que, para illudirem a sua offensa á Constitução não se prenderam com assentar em que a somma de 3 mais 3 fosse egual a 7. Hypocritas e desavergonhados! Porque se os preocupara, por pouco que fosse, a dignidade propria e o amor da Patria, ter-se-hiam dissolvido logo depois de votada a Constitução. A sua dissolução impunha-se tambem, quando rebentou a guerra europea. Preferiram, porem, ficar. E com as suas bravatas e quixoticos, acerca da guerra, apenas conseguiram deixar clara e indelevelmente chapada nas paginas da historia a vergonhosa noção de desprezo, á que nos volaram, recitando desdenhosamente a servil, irrisoria e desastrosa offerta da nossa comparencia na guerra, quando ao mesmo tempo nos levaram o melhor do nosso armamento e munições, e com necessidade e com empenho buscavam tropas de todas as partes, d'onde as podiam alicenciar.

A Inglaterra declarou guerra á Alemanha, sem nos ouvir, sem nos dar aviso previo, sem connosco se importar para causa alguma. E assim como era evidente e bem sabido per quem esteve em condições de o saber, que ella nos não ajudaria a uma guerra que de motu proprio declarassemos a alguma nação, tambem nos não tinhamos, nem temos de ir agora em seu auxilio. Não havia conveniencia nem interesse que nos atalhasse, nem honra nacional offendida que a guerra nos obrigasse, e muito menos a combater contra nações, que nos não offendem nem provocaram. Ir hoje, para a guerra europea, não é o mesmo que andar na fardada das escolas de repellido, nem é o mesmo que ir combater o genio nas nossas possessões. E Portugal está desprovido dos elementos e dos preparos indispensaveis para se aliciar a uma guerra com paizes civilizados. Nem existiam clausulas, que a tanto nos obrigassem, como falsamente, com tanto afan e com fins porventura inconscusaveis, propalaram pelo paiz.

Supponha-se por momentos que tinhamos realisado esse acto de verdadeira loucura, considere-se em que condições nos encontraríamos agora, e ajuize-se até onde nos teria levado a catastrophe.

Já não foi pequeno, nem nos tem sabido barato, o erro das duas ayudadas expedições a Angola e a Mocambique.

E depois de tudo isto tem o despalnte de accusar o governo da minha presidencia de ter viciado a Constitução! De que o governo cuidou, torpes sacrupantas, foi de obstar a essa orgia legislativa, deprimente do decoro nacional. Não quiz ser nem parecer conveniente no delictuoso compadricio, permitindo que no venerando edificio das cortés funcionassem tão intrusas e abusivas assembleias.

Em conclusão: não lhes foi permitido reunirem-se em S. Bento. Então, escorraçados da cidade com medo das vaías e apodos populares, ardendo em ira, mas cabidos de tristeza, elles ali vão barreiras fóra carpir a sua desdida para o palacio da Mitra, no melancolico sitio de Santo António do Tojal. E porque os senadores do trienio anterior não compareceram em numero exigido (Art.º 13.º) para o Senado deliberar, os foragidos, já um tanto foliões e em-

beicados com a inesperada comparencia mulheril, suprem a falta, contando galhoficamente com taes (e ellas envidadas todas se saracoleiam) as saloias, que dos proximos lavadouros, despertadas pelo tropel e aguçadas pela curiosidade, accorrem a gosar o extranho caso.

Terminada a sessão conjuncta, com vivo-rio e applausos libados a torreato carrascão, de mistura com lubricos abraços e beijos de agradecimento aos lemeos senadores, os pseudo-congressistas, agora salisteitos, contentes e toldados de alegria, regressam a Lisboa em carros enramados de louro, e embandeirados com os surripados lenços e aventaes de voluptuosas recordações.

Vendo-se, porem, zombeteados e cobertos de ridiculo pela sua picaresca legislativa assembleia, os pandegos da frescata do Tojal, retomando a carranca, resolveram instaurar um processo contra o governo.

As sociedades secretas tem este grande contra:—fazem dos mais independentes e corajosos individuos uns verdadeiros amelmados. E as de caracter permanente, dizendo-se propulsoras do progresso, lem-lhe sido sempre grande estorvo. Não é no continuo viver das trevas que se pode desvendar o que de muita luz precisa. O lenhoso ceremonial com que são recebidos os neophytos, e a mudança de nome, como succede aos papas, entonlece-os de vaidade. Ficam inchados com deserer das penas do inferno, mas temerosos com receio das embuscadas da terra.

A maçonaria é o albergue das incapacidades, que ahí buscam a habilitação do diploma de socio, para treparem no mero social, com o que a civilisação muito se deve ter resentido. O maçon é um jesuita recodito, e por isso mesmo muito perigoso, porque não se denuncia pelas vestes. Suppõe-se a gente ao lado de um amigo que, obrigado por tenebrosos compromissos nos está abraçando, e quantas vezes contra a sua propria vontade. A maçonaria ou se dissolve por si mesma, ou tem de se correr com ella, como correram com os outros jesuitas.

Mas o que se vê claramente é que, se D. Carlos se dizia rei d'uma monarchia sem monarchicos, tambem agora não podemos dizer que tenhamos uma republica de republicanos. Não será talvez difficil sahir da contagem digital para enumerar aquelles, para quem a republica seja a castigada pratica d'um conjuncto dos melhozes, dos mais liberaes e salubres principios da publica administração. O que mais abunda são os republicanos idolatras, que reduzem a republica a uma imagem ou figura decorativa, bem visivel e bem palpavel, perante a qual ajoelham constrictos e humilhados, outanto simulando, a blasfemar dos dos catholicos por fazem o mesmo.

A 22 foi o cruzador visitado pelos ministros, srs. drs. Fernandes Costa e Magalhães Lima. Antes de começarem com a sua visita, tiveram a amabilidade de me irem cumprimentar ao camarote em que eu estava. O dr. Fernandes Costa apresentou-me tambem cumprimentos do sr. dr.

Antonio José d'Almeida. Os dois ministros iam acompanhados pelo commandante Leotte do Rego. Nada presenciou da visita, mas pelo relato de um jornal insuspeito a esse commandante, soube de uma referencia que me fez no seu discurso. «Affirma (o sr. Leotte do Rego) a sua convicção de que ninguém mais ousará levar cartões de visita aos representantes d'aquelles, que já nos fizeram guerra, e, se um dia lh'os levarem, que os vão entregar nas pontas das nossas bayonetras». (O Seculo n.º 12.016 de 23 de maio de 1915).

Deixando a moral do acto, d'um capitão de fragada, commandante d'um vaso de guerra, a excitar as praças do seu commando contra um general preso a bordo do mesmo barco, com a aggravante de aproveitar para isso a occasião da visita d'aquelles ministros, um d'elles da marinha, vou narrar o que se passou com o cartão do Kaiser; pois sou eu o visado na referencia. O desastre de Naulila succedeu a 18 de dezembro de 1914, e eu entrei para a presidencia do ministerio e para ministro interino dos estrangeiros em 25 de janeiro de 1915. Não me constou, nem me consta, que n'esse intervallo de 37 dias, o governo portuguez (porventura receoso de que se tornasse publico não terem sido os allemães os provocadores) tivesse a tal respeito entrado em quaesquer explicações com o governo allemão. Os dois governos não estavam de relações cortadas, e parece que nem ressentidas. Como era da praxe e por dever de cortezia, o meu ajudante de campo foi á embaixada allemã deixar o meu cartão no dia 27 de janeiro, anniversario do imperador.

Devo contudo notar que pessoalmente não deixaria eu de proceder da mesma forma se estivesse em condições e em situação de o fazer. Guilherme II em 25 annos do seu imperatozo, sem jamais descurar a segurança e a defeza da sua patria, conseguiu que a Alemanha sobrelevasse ás outras nações nas sciencias, nas artes, no commercio, nas industrias, enfim em quasi todas, senão todas as manifestações da actividade humana, até mesmo em liberdade. O que lhe conquistou a admiração e o respeito de todos quantos são dignos de conhecer, apreciar e acatar as elevadas e distinctas qualidades de um homem, que é chefe da mais adiantada nação da actualidade. Durante esses largos annos, o Imperador da Alemanha não procurou implicar com as outras nações, o que bem prova ser Guilherme II um pacifista por índole e por feição. Desembainhou a sua espada, antes que os invejosos lhe cravassem a d'elles.

Não encontrava eu plausivel explicação do facto da Inglaterra querer e acceitar o nosso auxilio na guerra, com exclusão do fornecimento de tropas, sendo esse aliás o socorro que mais lhe importava. E não era porque entendesse convir-lhe mais conservar em Portugal um nucleo de força, pois que nos levava o melhor do nosso armamento e munições. Com as nossas forças de mar e terra, gasta o paiz milhares de contos de reis, e vive na doce illusão de que tem uma armada e um exercito em condições de o defender e desafrontar. Esse duplo delustre, a que uns governantes de politica vesga e desnacionalisada, insolita e criminosamente nos sujeitaram, rebaixando-nos ainda mais perante o mundo, fóra bastante para nos tornar patente o juizo, que sobre esse ponto, e porventura sobre outros, merecemos aos de fóra, que melhor veem as nossas faltas e defeitos. Como, porem, a nossa fóra vaidade

ainda resfolgasse, os successos internos encarregaram-se de a pulverisar.

Por essa pequena amostra de principios de instrucção e disciplina, que andam em voga na nossa força armada, se pôde aquilatar o valor d'esta. Junte-se a isto o desordenamento que os governantes e politicos apoucados lhe tem insuflado nos ultimos tempos, e bem explicada está a dispensa da nossa cooperação na guerra.

A Inglaterra, com a protecção, que tão clara como impropriamente vem dispensando a governos nossos, firmados em turbulenta e malefica anarchia, derruidora de Portugal, seu fiel aliado, deixa bem manifesto que ao tradicional e alevantado orgulho, de que tanto se ufana, mais satisfaz hoje o rebaixamento e a sabugice do que a inteireza e a hombridade. D'esse opprobrioso proceder já deve ter sentido duras consequências, porque se vê agora irremediavelmente privada do concurso de tropas portuguezas, que bem podiam estar em condições de lhe prestar valioso serviço na guerra, dispensando-o porventura de os andar submissamente solicitando de outras nações.

Estando eu interinamente com a pasta dos estrangeiros, fui procurado na secretaria pelo ministro inglez, que me lembrou a obrigação em que estava o governo portuguez de satisfazer os compromissos tomados com a Hespanha pelos governos anteriores: aconsellou a não nos intrometermos com os allemães, e elogiando o bom serviço que tinham prestado as bocas de fogo idas de Portugal, fez novos pedidos de material de guerra, os quaes não puderam ser attendidos. Sabido é de todos, para o que basta ler as gazetas que os nossos tortuosos governantes e politicos têm sido da mais desprezível bajulação com a Inglaterra. Estão perante o inglez, como na «Gran Duqueza» os validos para com o seu amo e senhor, a quem, firando do seu relógio e perguntando-lhes que horas eram, responderam uma voz: «as que Vossa Real Magestade determinar». E puxando tambem dos seus, os acertavam pelo do soberano. E isso explica o desdém e sobrançeria, com que a nossa fiel aliada nos tem tratado. Recordarei apenas tres factos, que são recentes:

— Em 8 de janeiro de 1915, indo o paquete portuguez S. Miguel em viagem da Madeira para Lisboa, perto da costa de Portugal, foi intimado a parar por um tiro disparado do cruzador inglez «Prince George», que lhe mandou visita a bordo. Levou presos 16 allemães e deixou ficar a bordo uma senhora e um velho tambem allemães.

— Em 5 de abril de 1915, entre as ilhas da Madeira e Porto Santo, o cruzador inglez «Europe» atravessou-se diante do mesmo paquete S. Miguel, fez-o parar, mandou visita a bordo e levou presos 3 allemães. Um era menor e foi-lhe permitido ficar ou ir na companhia do pae. Preferiu ir com o pae.

— Em 7 de julho de 1915, o cruzador inglez «Pelorus» entrou sem qualquer aviso prévio na bahia de Lagos, e d'ahi levou prisioneira para Gibraltar a barca portugueza «Laura» que havia pouco fundeado, vinda do Porto de Sines.

Eram portuguezes os barcos, os seus commandantes, os portos entre que navegavam e tambem as aguas em que sofreram o ultrage.

Servis até á extrema abjecção.

Parece que a Inglaterra se compraz com o desasocego em Portugal, para que os portuguezes não venham a fazer-se cidadãos, e ella a perder este feudo.

A vinda ao Tejo d'aquelles dois cruzadores não foi, pois com o fim especial de saudar a bandeira portugueza, que já em devido tempo o tinha sido; foi uma inconveniente manifestação de sympathia, um declarado apoio aos partidarios da insubordinação e da desordem.

O grande, o soberbo, o magestoso imperio britannico, correndo magestosamente a apertar a mão, a abraçar essa vil canalha, acaso não será um imperio em decadencia?

O dr. Affonso Costa, conheci-o pela primeira vez no Porto em 1911, era elle ministro da justiça. Ouvi-o fallar no Palacio de Crystal. Deixou-me a impressão d'esses fira-dentes, que andam pelas feiras e largos publicos a anunciar de cima d'um banco elixires para tudo, a mostrar as suas vantagens e a impingil-as aos pascaços. Taes coisas disse que, findo o discurso, eu presenciei uns seus correligionarios atarefados para obstar a que a imprensa periodica reproduzisse na integra aquellas peças declamatorias, dignas do maior recato.

Encontrei-me tambem com elle no comboio do Porto para Lisboa, á hora do almoço. Quando chegamos ao Entrocamento, appareceram os vendedores de jornaes. Elle foi á janella e, como lhe offercessem tambem outros, bradou em voz allisonante e, fazendo gala no seu dizer:

—«Deita fora esses jornaes, que isso não é coisa que se leia. Dá cá o Mundo».

O verdadeiro troço da feira!

E' advogado profissional, mas na pratica não passa de rabula forense. As suas minutas de agravo não são conhecidas; e das audiencias tem sido corrido sempre que houve de se defrontar com advogados ou magistrados, que se não temeram das suas objurgatorias, nem se humilharam ás suas imposições. O seu consultorio, é uma agencia, em que elle pelo seu poder governativo, que já de longe vem exercendo, e outros pelos altos cargos officiaes que desempenham em relações com a magistratura, fazem crer que tem esta de sua mão, o que é um chamariz de clientes, que para alli se dirigem cheios de esperanza e, segundo reza a fama, de lá sabem depennados, quando não deixam tambem a pelle.

Elle é o astro rutilante da imprensa mais reles que se conhece. Pois d'essa mesma imprensa, que diariamente lhe vem cheia de louvaminhas não se apura um facto concreto da sua vida publica ou particular, que o illustre, a não ser o da sua habil e louvavel parcimonia, que tem permitido viver á larga a elle e á sua familia, só com 258000 réis por mez.

Comtudo não se pôde negar que é dotado de sagacidade e de espezteza. Hontem pobre e soccorrido, hoje rico e abastado, sem que alguem, que me conste lhe doasse ou instituisse herdeiro de bens avultados, nem mesmo reduzidos. A propria casa de Bemfica foi compra sua, documentalmente comprovada, e não doação do sr. Grandella, como propalaram.

Tem instincto irrequieto, vivaz e ardiloso, mas não é um intellectual. Alardeia e faz barulho com o palanfrorio apanhado nas escolas; mas não chega a comprehender a exposição de um systema eleitoral.

diferente dos que por lá lhe martellavam no bestunio; nem attinge o significado de uma simples reprimenda epistolar, concisamente feita em portuguez vernaculo. Nem elle sabe o que isto seja.

Como ministro das finanças, estatelou-se com a charlatanice do *superavit*.

Como advogado, é um mercenario arleiro e capcioso.

Como escriptor não marca.

Como orador, é um berrante mentiroso, um trapalhão, um insolente, um calumniador.

Como politico, é um scelerado.

Mal decorridos eram uns escassos onze dias que elle assistira ao descer da sua propria mãe á ultima jazida, e já esse honnuculo retomava a sua lida de flagelar a humanidade, preconizando deverem andar livres os seus apauçados, — os ladrões, os assassinos, os criminosos de toda a especie, — ao mesmo tempo que ameaçava os magistrados, que se recusassem a satisfazer-lhe o rancoroso appetite de ver a ferros o ex-presidente da republica e o ex-presidente do conselho de ministros, cujo unico delicto foi deixarem á solta esse ferino chacal, em vez de o terem feito enjaular, para socego do paiz e bem da humanidade.

E haverá ainda alguem a duvidar que elle seja tambem chefe e instigador d'uma quadrilha de malfeteiros? Quadrilha bem mais perigosa do que tantas outras que a historia nos diz ter havido no paiz, e que limitava a sua acção a uma pequena zona. Esta nova quadrilha com a cumprimento de dos governos devassos, vae-se alastrando por todo o paiz, o que ha de vir a trazer-se n'uma calamidade geral.

Ao vidente observador basta reparar no dr. Affonso Costa, para logo o ficar conhecendo. O atarracado do corpo, o achatamento da cara, o olhar indeciso e alapardado, é o typo do serrano ordinario sem educação e de ruins instinctos. O que elle tem confirmado com os seus actos, do que até basoleia, tal é a insanía. Nascido e creado pelos sitios da Serra da Estrella, terra de lobos e de cães de gado, o desnatural rasgado da bocca é seguro indicador da sua indole vulpina, de que as conveniencias escolar e social não conseguiram despojar-o. Nem sequer lh'a moderaram.

No tempo da monarchia, promoveu-se um abaixo-assinado entre os officiaes do exercito e da armada para dirigir uma petição ao Rei D. Carlos, afim d'elle constituir um governo de dictadura militar. Pois d'esses signatarios alguns tomaram parte no 5 de outubro e no 14 de maio; e n'isso não houve incoherencia. Queriam uma dictadura; obtiveram-na com o 5 de outubro, porque os governos da republica até 25 de janeiro de 1915 foram uma dictadura permanente e oppressora. O governo da minha presidencia seguiu caminho inteiramente opposto, e d'ahi o 14 de maio para apear, e para fazer retroceder o paiz á desejada dictadura, com o resultado que se tem visto, e ha de ir vendo, se d'algum modo lh'o não atalharem.

General Pimenta de Castro

“A Monarchia,”

De hoje em diante, devido á diffi-
culdade de se encontrar uma boa tinta
azul que dê nitida impressão, o nosso
Jornal passará a imprimir-se a preto,
que é mais legivel e duradouro.

Lá por fóra

A situação militar

Transcrevemos do nosso illustre colega A. B. C. de Madrid, a seguinte espirota chronica do seu numero de 6 do corrente:

«Ficámos em que os donos do ar eram os francezes, e Gustavo Tery, no *L'Oeuvre*, depois de, irónico, dizer que os *raids* dos zeppelins sobre Paris (a julgar pelos factos) só são possíveis n'estes dois casos: «quando ha nuvens... e quando as não ha», pergunta como se hão de tomar represalias. Tinhamos convencido que o dominio dos mares o tinham os aliados, e os austriacos, audazes, uma vez mais se acercaram da costa italiana, bombardearam-na e... desappareceram sem que lhes podessem dar caça; os allemães, com uma especie de barco fantasma, que umas vezes é um submarino, outras um barco mercante e outras um cruzador, repetem no atlantico as façanhas do *Emden*, e na desembocadura do Tamisa, ás portas de Londres, apesar d'aquelles *raids* mysteriosos que pescavam submarinos como se foram caranguejos, acabam de metter a pique um vapor artilhado, inglez, que fazia service de vigilancia (radiogramma de Nord-deich).

Se, segundo a teoria ingleza, esta guerra ha de ser larga, e observamos que ha um anno escasso começaram a sua obra destruidora os submarinos allemães, e, como sua consequencia veio a carestia dos fretes (palavras do nosso ministro da fazenda) que difficulta em Valença a exportação, ha que convir que barco a barco podem os aliados ficar sem grande parte da sua frota, e como á dos neutraes põem entraves, por temer que abastecem os imperios centraes, os Estados que se sentem ferir n'algebeira, que é onde mais se sentem os golpes, acabarão por impacientar-se, e não se brinca impunemente com os interesses do mundo inteiro.

Já o dissemos hontem: as ideias subversivas não nascem só no cerebro, teem suas raizes no estomago.

Já no numero passado indicamos a possibilidade latente de novos factores entrem na lucta armada. Parece que a confirmação não será tardia.

Salonica

Continua sendo um ponto de interrogação a situação de Salonica... Vão sobre ella os imperios centraes?

Pelo ar já teem ido, por terra parece certo que irão.

Serviço militar em Inglaterra

Entrou hontem em vigor o serviço militar obrigatorio em Inglaterra, começando em 2 de Março a chamada ás fileiras.

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3335

Residencia: Avenida Praia da Victoria, 42, r/c.



O doutor, aquelle doutor que é tudo n'este paiz, só tendo acima de si o elevador da Bibliotheca, é uma figura bem antypathica...

Não sei se Vossencias já repararam... Ha dias quando no trem seguia ao lado do presidente, muito recostado e embrulhado, o côco sobre a testa, os olhos saltando das orbitas, pequenos e mecidos, e todo o rosto embrulhado n'uma barbilha preta, dava a impressão d'um jacuoru que se prepara para nos pedir a bolsa ou a vida...

...que afinal qualquer das coisas elle faz, por si ou por interposta pessoa... ou nos tira a camisa por intermedio do orçamento geral do estado, ou nos manda arcaubar pelos Maslins ao seu serviço!...

Sua excellencia regressava no rapido de Paredes de Coura. Já eleito, já alto magistrado, mas ainda sem guarda de honra e escolta...

Ah! por alturas de Coimbra entrou no restaurant para jantar. As mesas estavam cheias, uma só havia com vaga: n'ella se encontrava um rapaz novo, muito novo, mas já um feliz blagueur, filho d'um conhecido medico da capital.

Sua excellencia sentou-se e principiou, como qualquer mortal, a comer.

O rapaz nada de abrir bico. Perfeitamente dois desconhecidos.

Sua excellencia não ponde manter-se: —O senhor é filho do doutor F.

—Sim, senhor.

Eu conheço muito sua familia.

—Ah!

Como o rapaz não se dava por conhecido só no fim da refeição sua excellencia voltou a dizer: —Faz os meus cumprimentos a seu paiz, sim?

—com muito gosto, mas... não sei com quem tenho a honra de estar fallando...

—Sou o Bombardino Rachado!

—Não conheço! V. Ex.ª dá-me licença...

E puxou d'uma carteira e escreveu, respondendo a pergunta:

—E' o senhor?!

—Bombardino Rachado.

—Muito obrigado!

Tableau!

O livro do Pimenta de Castro deu lugar a um conto do vigario, já não novo, mas agora augmentado. E' isto: dentro de um jornal os garotos offercem o livro de Pimenta de Castro e apanham ao incauto oito, dez, doze ou quinze lostões conforme o passaro dá, embrulham no mesmo jornal, e... em casa é que se dá pela intrujice. O Dia recommenda o caso á policia... Santa ingenuidade! Já quatro foram presos e postos em liberdade...

Aquillo são creaturas que não dão nada!

Correspondentes

Aos nossos correlligionarios da provincia pedimos se dignem escolher e indicar-nos correspondentes para este jornal.

Dos nossos correspondentes

Mafru, 5 de Fevereiro de 1916. Saive. — E' uma velha praxe das boas normas jornalisticas a saudação dos correspondentes aos directores dos jornaes, quando aquelles iniciam as suas correspondencias.

Amante da tradição, não quero fugir a este tradicional praxe que ao mesmo tempo representa tambem o chá tomado em quequos pelos que d'ella usam.

Receba pois Astrigildo Chaves, o valoroso e intrepido director da *Monarchia* as minhas saudações. E alongando-as mais alem, eu quero qu: d'ellas tambem participem não só toda essa pleiade de authenticos heroes que pela *Monarchia* tao heroicamente se tem sabido bater, mas tambem todos os monarchicos que quer no exito quer nas cadeias da republica com tanta abnegação e com tão admiravel estoicismo teem supportado os desgostos, privações, etc. que o seu grande amor á Patria e ao Rei lhes impoz. Mais ainda.

Que não fique esquecida a linda bandeira da nossa Patria, — o querido estandarte azul e branco a cuja sombra tantos compatriotas nossos se fizeram heroes. — Para essa e para a Familia Real Portuguesa tambem e em especial as minhas mais vivas saudações!

Até breve.

Antonio de Camarate

Carcavellos, 9. — Mais uma vez fomos victimas da atroz perseguição que os republicanos donos de este concelho nos veem movendo. Prenderam-me como suposto implicado nos ultimos acontecimentos e permaneci uns dias na cadeia onde me pizeram em liberdade por nada se ter provado contra mim.

Este caso que ha-de ser tratado aqui como deve ser fica reservado para mais tarde, tenjo eu resolvido apresentar queixa contra a forma porque foi feita a prisão e pelo vexame que me fizeram passar.

—Os ultimos acontecimentos que aqui se desenrolaram tem dado lugar aos mais desconcertados boatos. Se é certo que reprovamos taes actos de sabotage não vacilamos em dizer que o comercio tem em parte culpa, pois que tendo elaborado uma tabella de preços, desprezou-a elevando-a alguns commerciantes de forma a produzir geral descontentamento. Que todos se compenentrem dos seus deveres, limitando-se a ganhar de forma a não prejudicarem as classes pobres, que são as que mais sofrem.

N'uma participação enviada á juizo pelas autoridades de Cascaes diz que os assaltos foram feitos por uma tropa de malfeitores! E' verdade!!... Mas malfeitores foram os que assaltaram as egrejas de Caçavillos e Cascaes, destruindo tudo, e elles andam a zozar o sol da liberdade. Malfeitores são os que derubaram a cruz da estrada de Alcibedche, simbolo da grande dor de um paiz, e elles ahí se andam a rir dos seus vergonhosos feitos. Malfeitores!! Que longa seria a serie de actos committidos a cujos auctores ha bem o apoio de malfeitores!...

—No proximo numero vamos principiar a publicar uma lista de nomes dos que hontem deviam favorecer a monarchia e hoje andam de braço dado com os seus piores inimigos.

Aguardem os leitores porque essa lista servirá a descobrir muito figurão que aqui pretenda passar por boa pessoa.

M. A. Oliveira.

Livros, revistas e jornaes

Recebemos a visita dos nossos collegas: *O Beirão* de Castello Branco, semanario monarchico.

Echos da Raia, orgão dos catholicos de Monção.

A União, semanario republicano evolucionista defensor dos interesses do Porto e Gaia.

Agradecemos e estabelecemos, como com os anteriores, a permuta.

Angariadores de annuncios

Admittem-se dandoreferencias Um em Lisboa, outro no Porto.

Brevemente: A LOUCURA JACOBIÑA

POR ASTRIGILDO CHAVES

I — Um Bragança não foge!

II — O Massacre do Tenente Soares.

tiragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo 200 réis.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pes oal que vae a casa dos clientes